

REFLEXÕES SOBRE JÓ: FALAR DE DEUS E TER EXPERIÊNCIA DE DEUS

Ludovico Garmus*

Resumo

O livro de Jó entrou em choque com a teologia deuteronomista dominante no pós-exílio. Em questão estava a doutrina da retribuição, dos bons e dos maus. A destruição do Reino de Israel e de Judá foi interpretada como justa punição divina pelas infidelidades cometidas contra a aliança de Deus com seu povo no Sinai. Durante o exílio cresceu a consciência de que observância da Lei traz as bênçãos divinas ou a felicidade, e a desobediência causa as maldições, o sofrimento. Neste contexto, o presente estudo pretende acompanhar Jó em seu processo de transformação, que pelo sofrimento o leva à conversão, da justiça baseada na observância da Lei para a gratuidade do amor de Deus. Nesse processo de conversão delineia-se um caminho de espiritualidade que vamos acompanhar.

Palavras-chave: *Jó. Retribuição. Justiça. Sofrimento. Pobre. Criação.*

Abstract

The book of Job clashed with the dominant deuteronomic theology in the post-exile. At issue was the doctrine of retribution for the just and wicked man. The destruction of Israel and Judah Kingdoms were interpreted as just divine punishment for the infidelities committed against God's covenant with his people in Sinai. The doctrine of retribution defend that observance of the Law brings divine blessings or happiness, but disobedience causes curses and suffering. In this context, the present study intends to accompany Job in his process of transformation, which by suffering leads him to conversion, from justice based on the observance of the Law to the gratuitousness of God's love. In this process of conversion, we outline a path of spirituality that we will follow.

Keywords: *Job. Retribution. Justice. Suffering Poor. Criation.*

* Ludovico Garmus é Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade de Ciências bíblicas e arqueológicas (Jerusalém) da Pontifícia Universidade Antoniana (Roma); Coordenador da tradução da *Bíblia Sagrada* da Editora Vozes, Petrópolis, RJ; Editor responsável da revista *Estudos Bíblicos*; Professor emérito do Instituto Teológico Franciscano, Petrópolis.

Introdução

Jó é um dos livros mais instigantes da Bíblia. Nas Bíblias cristãs figura entre os livros sapienciais ou poéticos, como o primeiro da lista. É um livro que nos leva a rever a imagem que temos de Deus. Convida-nos a um encontro pessoal com Deus, a quem podemos chamar de “Tu”, expor nossas súplicas, dúvidas, revoltas e sofrimentos. Esse “Tu” para Jó não é um Deus distante, encrustado em fórmulas frias ou doutrinas oficiais, e sim, um Deus misericordioso, acolhedor e disposto a perdoar.

O presente estudo pretende acompanhar Jó em seu processo de transformação, que pelo sofrimento o leva à conversão¹. Nesse processo de conversão delinea-se um caminho de espiritualidade², que vamos acompanhar.

O livro de Jó divide-se em duas partes: uma introdução e conclusão em forma narrativa (Jó 1,1–2,13; 42,7-17) e a parte principal em forma poética (3,1–42,6). A parte narrativa é a mais conhecida. Ali se apresenta Jó como um homem justo, sábio e abençoado por Deus. A memória desse personagem é lembrada pela proverbial “paciência de Jó” (cf. Tg 5,11). A introdução narrativa apresenta um personagem que vivia “certa vez” nos confins do país de Edom³. O poema, ao contrário, apresenta um homem extremamente impaciente e revoltado. A figura do primeiro excitou a imaginação piedosa da Sinagoga e da Igreja, que a recordam com frequência. Na parte poética aparece a figura de um Jó revoltado, derrotista e até blasfemo. Por isso, a espiritualidade judaica e cristã procura esquecê-la. Na prática, porém, o poema constitui a maior parte e a própria razão de ser da obra, enquanto a narrativa é mera ocasião para a mesma⁴. O texto todo é perpassado por inúmeras perguntas levantadas pelos principais personagens: Deus, Javé, o satanás, a mulher, Jó, os amigos de Jó, Eliú etc. Com tais perguntas, os livros sapienciais convidam o leitor a refletir sobre o sentido da existência do ser humano, de sua relação com Deus, com o próximo e com as criaturas.

Jó não é o autor de seu livro⁵. Ele é o “herói” criado por um autor de nome desconhecido. Esse autor pode ser contextualizado num determinado momento

1. Cf. Henry de Ternay. *O Livro de Jó. Da provação à conversão, um longo processo*. Comentário Bíblico: Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2001.

2. Cf. DIETRICH, José Luiz. Jó: uma espiritualidade para sujeitos históricos. *Estudos Bíblicos*, n. 30, 1991, p. 32-43.

3. Jó é uma figura legendária, citada pelo profeta Ezequiel (cf. Ez 14,14.20). Ao lado de Noé e Daniel, Jó é um modelo universalmente conhecido do homem piedoso e justo, poderoso intercessor em favor dos pecadores. Ezequiel afirma que nem a intercessão dos três juntos livrará Jerusalém e seu povo do julgamento divino, tal a gravidade dos pecados.

4. TERRIEN, 1994, p. 7-8.

5. O rabi Resh Lakish (sec. III d.C.) afirma no Talmud babilônico que Jó nunca existiu, mas é uma parábola.

histórico. De modo geral, os estudiosos situam a composição do livro na época pós-exílica⁶, entre o séc. VI e III a.C. Outros preferem situar com mais precisão no período persa (séc. V a.C.)⁷ ou até no período helenista⁸. A data de composição mais provável é o período persa⁹.

O autor provavelmente é da Judeia, ligado a Jerusalém, mas deu a seu livro um colorido internacional bem acentuado. Omite, por exemplo, temas próprios de Israel, como eleição, aliança, terra prometida, missão de Israel, templo, lei, messias, escatologia e julgamento das nações¹⁰. O livro coloca em destaque a sabedoria de Edom, na Transjordânia ao sul do Mar Morto. Os principais personagens são também edomitas, seminômades conhecidos por sua sabedoria (cf. 1Rs 5,10-11; Jr 49,7; Br 3,22-23). Do folclore internacional Jó utiliza o tema, comum ao mundo oriental, do homem justo, submetido à provação por causa da rivalidade entre os deuses. Na Índia, por exemplo, o correspondente a Jó chama-se Hariscandra (ou Atschandira), um príncipe submetido a provações semelhantes às de Jó, por causa de um desafio entre os deuses: “Há um só príncipe que seja sem defeito”? Nesse sentido as discussões entre Javé e Satã (Jó 1–2) ainda respiram a atmosfera politeísta do antigo tema folclórico.

O autor de Jó mostra-se também bastante familiarizado com textos da Mesopotâmia, como o “Poema do justo sofredor” – chamado também “Jó babilônico” – e o “Diálogo sobre a miséria humana”. Os dois textos desenvolvem a ideia segundo a qual a prosperidade, a saúde e uma longa vida são consequências da virtude praticada. Ao passo que a enfermidade, a pobreza e a morte prematura são sinais de punição dos deuses por crimes e pecados cometidos, ocultos ou inconscientes. No segundo texto o sofredor lamenta-se, como Jó, por ter sido abandonado pelos deuses, apesar de ser um fiel observante dos deveres religiosos e sociais. Não obstante as semelhanças com textos orientais, segundo os autores, não se observa em Jó uma dependência literária direta de tais textos.

2. Jó, justo e abençoado, cai em desgraça

Na parte narrativa, Jó é apresentado como “um homem íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal”¹¹. Segundo a doutrina da retribuição, Deus

6. MORLA ASSENSIO, 1997, p. 127-129.

7. KNAUF & GUILLAUME, 2010, p. 607-609.

8. LAURENTINI, 2020, 68-69.

9. TERNAY, 2001, p. 13-14.

10. TERRIEN, 1994, p. 9-10.

11. As citações de textos bíblicos seguem de modo geral a tradução da BÍBLIA SAGRADA da Editora Vozes, edição revista e atualizada em 2001.

recompensava tais pessoas com suas bênçãos aqui na terra, pois não havia ainda a crença numa vida após a morte. De fato, Deus lhe deu sete filhos e três filhas, muitos rebanhos de ovelhas, camelos, juntas de boi, jumentos, além de numerosos escravos, fazendo dele “o homem mais ricos entre os orientais” (1,1-3). Era tão piedoso que oferecia holocaustos a Deus em expiação de possíveis pecados cometidos pelos filhos quando faziam suas festas (v. 4-5). Jó era um exemplo de que a doutrina da retribuição era verdadeira.

Mas esta verdade é colocada em cheque numa assembleia que Deus convocou para os anjos lhe prestarem contas de suas missões. Entre eles compareceu também o satanás¹², um anjo que tinha prazer em contestar a Deus. Assim, quando Deus elogiou a Jó como exemplo de homem temente a Deus, piedoso e justo, o satanás logo o contestou “Será em troca de nada que Jó teme a Deus”? E desafiou a Deus a tirar-lhe tudo que possuía, filhos, escravos e rebanhos. Com certeza Jó amaldiçoaria a Deus. E Deus permitiu que o satanás assim o fizesse (1,6-19). Diante de tamanha calamidade Jó disse: “O Senhor deu, o Senhor tirou; bendito seja o nome do Senhor”. Na seguinte assembleia dos anjos Deus elogiou, na presença do satanás, a piedade de Jó: Viste Jó? Realmente “é um homem íntegro e reto que teme a Deus e se mantém longe do mal”.

Mas o satanás continuou contestando: Quando uma pessoa – diz ele – salva a própria pele é capaz de dizer: “graças a Deus, ao menos estou vivo”! Deixa-me atingir a saúde de Jó, para ver se ele não vai amaldiçoá-lo! E Deus permitiu que o satanás prejudicasse Jó na sua saúde, desde que lhe poupasse a vida (2,1-10). Jó ficou todo coberto com uma úlcera maligna, mas, apesar de tudo conformou-se com a desgraça e disse: “Se aceitamos de Deus os bens, não deveríamos também aceitar os males”?

A mulher de Jó, vendo seu marido todos os dias cobrir-se de cinza e coçar as feridas com caco de cerâmica, lhe diz: “Ainda perseveras na tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre”! A mulher de Jó parece revoltada com a desgraça de Jó. Para que serviu sua integridade? Ela prefigura, de certa forma, a revolta do marido contra a doutrina da retribuição na qual Jó tanto acreditava. No entanto, a mulher pode ser vista também como participante da dor de Jó¹³. Henri de Ternay confirma esta interpretação na tradução e adaptação em francês de seu comentário¹⁴. Segundo o autor, na tradição do Islam, a mulher de Jó é chamada *Rahma*, a misericordiosa. Tradição confirmada, segundo Ternay, num quadro do pintor barroco Georges de La Tour (1640). Nesse quadro “podemos observar como a

12. Em hebraico, o satanás com artigo *hassatan* significa o rival, o contestador. Assim Jesus qualifica o apóstolo Pedro que se opõe ao projeto de Deus (Mc 8,33).

13. Cf. TERRIEN, Samuel; GALLAZZI, Sandro. O grito de Jó e de sua mulher, *RIBLA*, n. 52, 2005/3, p. 40-56.

14. TERNAY, Henri de. *Avec Job: De l'épreuve à la conversion*. Bruxelas: Lumen Vitae, 2007, p. 16.

mulher, enquanto olha para seu marido com uma real compaixão, acaba entrando no mistério de sua provação”.

A partir de então não se fala mais do satanás no restante do livro. Entram em cena os três amigos de Jó que vem visitá-lo. De certa forma, eles vão substituir o satanás na parte poética do livro. Sabendo da desgraça que caiu sobre Jó, seus amigos Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat vieram compartilhar de sua dor e o consolar. Quando “viram quão grande era a sua dor”, durante sete dias ficaram sentados com ele em silêncio (2,11-13).

3. Diálogos entre Jó e os três amigos (Jó 3,1–31,40)

A parte poética apresenta-se como um diálogo, não no sentido dos filósofos gregos (Platão), mas composto por discursos aparentemente autônomos, embora ligados pelo tema comum em discussão: o “dogma” da retribuição colocado em cheque pelo sofrimento do justo. O diálogo inicia com uma lamentação de Jó diante dos três amigos (cap. 3).

3.1 Primeiro debate (3,1–14,22)

Revolta de Jó (3,1-26)

Na lamentação Jó amaldiçoa a noite em que foi concebido¹⁵ e deseja que o dia em que nasceu se transforme em trevas (3,3-4); preferia ter morrido ainda no ventre de sua mãe, como um aborto (3,11). O nascer para a vida lembra o nascer do sol (cf. Sl 19,1-7) e a luz do dia. Sua revolta inclui um desejo de destruir a criação de Deus. No início da criação Deus disse “Faça-se a luz” (Gn 1,3)! Na desgraça, Jó deseja ter morrido no ventre de sua mãe, sem ver a luz; amaldiçoa o dia em que nasceu, pedindo que esse dia se transforme em trevas (3,4). Antes Deus o abençoava e protegia-o como uma cerca, dizia o satanás (1,10). Agora, na desgraça, Jó sente-se ameaçado por Deus, que o cerca de todos os lados (3,23).

Discurso de Elifaz (4,1–5,27)

Nas discussões que seguem, Elifaz e seus companheiros defendem a doutrina da retribuição, bem expressa no Salmo 37: Deus recompensa com bênçãos, aqui na terra, a quem observa seus mandamentos. Pune, porém, com maldições a quem os desobedece (cf. Dt 28). Se Jó está sofrendo é porque pecou. Jó, porém, considera-se inocente, defende sua integridade moral, revolta-se contra Deus que o puniu injustamente e critica a doutrina da retribuição, na qual ele e seus amigos foram formados.

15. De modo semelhante o profeta Jeremias lamenta-se diante de Deus pelas perseguições sofridas em razão de sua missão (Jr 20,7-18).

Elifaz é o primeiro a romper o silêncio de sete dias. De início, em tom sapiencial, lembra os tempos felizes em que Jó vivia. Era respeitado por todos quando ensinava e dava conselhos aos outros. Agora que cai em desgraça, como pode desanimar? Mas logo recorre ao princípio da retribuição: “os que cultivam maldades e semeiam miséria também as colhem” (4,1-11), doutrina que ele coloca no contexto de uma pretensa revelação divina. Elifaz teria escutado um misterioso murmúrio de voz que lhe dizia: “Pode o mortal ser justo diante de Deus? Será o homem puro diante do seu Criador” (4,17)? E aconselha Jó a entregar-se nas mãos de Deus: “Quanto a mim eu buscaria a Deus” (5,8). Jó deve confiar na pedagogia divina pois “ele machuca, mas cuida das feridas (cf. Dt 32,39); ele fere e cura com suas mãos”. Segundo Elifaz o sofrimento – sobretudo o dos outros! – faz parte da pedagogia divina: “Sim, feliz é aquele a quem Deus corrige! E tu não desprezes a disciplina do Todo-poderoso” (5,17-18). No entanto, não se coloca na pele de quem sofre. A falta de compaixão será um dos motivos de queixa de Jó.

Discurso de Jó (6,1–7,21)

Na “resposta” Jó se queixa da atitude de Elifaz e companheiros, incapazes de medir a intensidade de seu sofrimento e de sentir com ele o peso da mão de Deus: “Cravadas em mim estão as flechas do Todo-poderoso (*'el Shadday*); meu espírito absorve o veneno delas” (6,4). Jó não recebe a compaixão de seus amigos e parentes em quem confiava, todos o abandonaram (6,8-23). Mesmo assim, continua defendendo sua inocência e, com ironia, pede aos três amigos que lhe ensinem onde teria errado (6,24-30). Percebe como é dura “a luta humana aqui na terra”. Sente-se como um escravo que suspira por uma sombra ou um assalariado esperando em vão seu pagamento (7,1-6). A teologia da retribuição lhe prometia vida longa, muitos filhos e riquezas em abundância. Mas Jó perdeu os bens, os filhos, a própria saúde e o gosto de viver. Então, do fundo do poço de sua angústia, reconhece sua pequenez na presença de Deus e o lamento transforma-se em oração: “Lembra-te: minha vida é apenas um sopro; meus olhos nunca mais verão a felicidade” (7,7). No fundo da fossa existencial Jó descobre um Deus muito próximo e pessoal. Um Deus a quem pode dirigir-se como a um “Tu”, apresentar-lhe suas dúvidas, queixas e súplicas. Segundo Henri de Ternay, Jó dirige-se a Deus na forma de “queixa-tu”¹⁶. É a linguagem própria dos salmos de súplica e lamentação individual (cf. Sl 7; 73). Jó fala *a* Deus, enquanto seus amigos falam *de* ou *sobre* Deus¹⁷. Para eles Deus é alguém distante, uma espécie de vigia que não deixa passar impune nenhuma violação de seus mandamentos. É a imagem de Deus própria da teologia da retribuição. Jó rejeita com veemência essa imagem opressora de Deus e luta para dela se livrar (7,7-11).

16. TERNAY, 2001, p. 66.

17. WANKE, Roger Marcel. *O teólogo no banco dos réus*. A tradução e interpretação da preposição *'el* em Jó 42,7-8. *Estudos Bíblicos*, vol. 33, n.131, p. 96-111, jul/set 2016.

Discurso de Baldad (8,1-22)

Baldad aparece como defensor da tradição dos antigos (8,8-12). De imediato ataca Jó e o considera culpado (8,2-7). Defende um Deus justiceiro, que Jó não poderá contestar. Como exemplo lembra que seus filhos pereceram por serem pecadores. Caso Jó não se arrepende terá o mesmo fim. Abre, porém, um caminho de restauração: Se Jó reconhecer seu pecado e voltar a ser íntegro e reto (1,1) receberá uma recompensa maior do que antes, é claro, na vida presente (cf. 42,7-17). Por fim descreve com traços tenebrosos o destino do ímpio e pinta de cores alegres a felicidade do justo, confirmando assim a doutrina da retribuição (8,13-22; cf. Sl 1).

Discurso de Jó (9,1-10,22)

Na “resposta” Jó concorda em parte com Baldad. Mas este não lhe diz nada de novo. Apenas repete a doutrina da retribuição, bem conhecida dos dois. Jó sabe que não tem condições de discutir sua justiça com Deus. Mesmo assim, começa a desejar um tal confronto¹⁸. Nesse momento a lamentação transforma-se num hino à grandeza do Criador (9,5-10; cf. Am 4,13; 5,8-9; 9,5-6)¹⁹. No entanto, fala do Senhor poderoso da criação como um Deus distante e inatingível: “Passa perto de mim e não o vejo, vai embora e não o percebo” (9,11). Jó se queixa de um Deus que se ocupa apenas com os grandes assuntos e não tem tempo a perder com sua causa pessoal. Para esse Deus “é tudo a mesma coisa: “íntegro ou ímpio, a ambos ele aniquila”. Por isso “A terra foi entregue às mãos dos ímpios, ele cobre o rosto de seus juízes... Se não é ele, quem é então” (9,23-24)? Jó experimenta Deus como um juiz implacável. Não consegue discutir com ele sua inocência, pois a sentença seria a mesma: “Sei que não me inocentarás. É necessário que eu seja culpado” (v. 28). Deste modo Jó fica sem saída pois não encontra nenhum outro juiz a quem apelar (v. 33). Pede, então, a Deus que não o acuse como culpado. Será que Deus tem prazer em desprezar a obra de suas mãos? E apela: “No entanto, sabes: não sou culpado e ninguém me livrará de tua mão” (10,1-7). Após a dúvida, Jó coloca-se em oração, inspirada no Sl 139. Na presença do Criador, lembra-lhe como foi criado com amor, modelado de argila por suas mãos (cf. Gn 2,7; Sl 8,4) e cuidado por sua providência: “Vida e amor me concedeste, e tua solicitude conservou-me o alento” (10,8-12). Como pode, agora, o mesmo Deus querer destruir sua criatura, fazendo-a voltar ao pó? E lança uma acusação: Deus me criou com má intenção, apenas para me castigar. Sente-se perseguido como um animal de caça. E novamente deseja não ter nascido (v. 13-22; cf. 3,3.11).

18. TERNAY, 2001, p. 72-76.

19. O tema da criação perpassa todo o livro de Jó, especialmente nos discursos de Deus (38,1-42,6).

Discurso de Sofar (11,1-20)

Com mais rigor que seus dois companheiros, Sofar tenta rebater o discurso blasfemo de Jó. Zomba de sua ousadia em dizer: “Minha doutrina é autêntica, e eu sou puro aos teus olhos”. Seguindo a doutrina da retribuição, deseja que o próprio Deus intervenha para ensinar a Jó os segredos da sabedoria. Só então Jó entenderá que Deus lhe perdoa parte da culpa (v. 6), mas lembra que Deus é um juiz severo e percebe quem é falso (v. 10-11). Por fim, aconselha-o a estender suas mãos para Deus e afastar-se da maldade; só então voltará a ser abençoado e viverá em paz (v. 13-20).

Discurso de Jó (12,1–14,22)

Com ironia, Jó dirige-se a Sofar e seus dois companheiros: “Sois verdadeiramente a voz do povo; convosco morrerá a sabedoria” (12,2). Reclama das zombarias que o justo sofre “ao invocar a Deus, para que responda”. A doutrina da retribuição propagada por seus amigos serve apenas para acobertar a bandidagem. Pensam que a riqueza acumulada seja bênção de Deus, quando na realidade muitas vezes é fruto de roubo e injustiças (12,1-6). Jó distingue entre o que é lei e o que é sabedoria. Critica a visão deuteronomista segundo a qual a verdadeira sabedoria de Israel está na Lei (Dt 4,6; 30,15-20). Sacode assim as bases da doutrina da retribuição que o aflige. A pergunta de fundo reaparece no hino à sabedoria: “Mas a sabedoria, onde é que se encontra? Onde está o lugar da inteligência” (28,12)?

A discussão desloca-se assim para o nível da existência humana que acontece na criação (12,7-13). Jó convida os defensores da retribuição a observarem com ele a criação de Deus: “Pergunta às feras e te instruirão, aos pássaros do céu e te ensinarão, e os peixes do mar te contarão. Fala com a terra, e ela te instruirá. Entre todos estes seres, quem não sabe que “foi a mão do Senhor que fez tudo isso” (v. 7-9)? Se a sabedoria acompanha os cabelos brancos e a prudência a idade avançada, muito mais a sabedoria e o poder, o conselho e a prudência pertencem a Deus. Mas a criação não é perfeita. E Jó passa a descrever as calamidades que se abatem sobre a natureza e as desgraças na história humana, considerando-as como frutos da arbitrariedade e do poder divino (12,14-25). O próprio Criador faz o que quer com as “leis” da natureza. Se retém a chuva, provoca a seca; se solta as águas, arrasa as plantações (v. 15). O mesmo Deus “engrandece as nações e as arruína, faz crescer os povos e os deporta” (v. 23). Esta é a experiência que Jó tem de Deus a partir de seu sofrimento. Se os amigos sentissem a mesma dor teriam ao menos compaixão dele. Suas palavras em nada o ajudam. Estão mais dispostos em defender a Deus que o castiga o ser humano do que consolar Jó, sua vítima.

Apesar do poder divino caótico, Jó dispõe-se a recorrer diretamente a Ele: “Mas eu vou falar ao Todo-poderoso, quero defender-me diante de Deus” (13,3). Seus amigos deveriam também reconhecer o próprio pecado e confrontar-se com a majestade divina. Ou ao menos fiquem calados, enquanto Jó prepara a defesa

de sua inocência (v. 9-12). Mas a defesa jurídica transforma-se numa lamentação individual, na qual Jó fala a Deus como a um “Tu” (v. 13-19). Antes de comparecer em juízo diante de Deus Jó suplica: “mantém longe de mim a tua mão e não me apavores mais com teu terror. Depois, chama-me e eu responderei, ou, se falo, responde-me tu” (v. 21-22). Jó pede a Deus que lhe mostre os possíveis pecados cometidos, onde errou e por que o persegue como a caça e castiga como a um inimigo (v. 23-28).

Resumindo o primeiro debate

Na primeira rodada de debates, enquanto Jó se lamenta por causa das desgraças que sobre ele caíram, seus amigos, um após o outro, apresentam e defendem friamente as teses da doutrina da retribuição. Vieram para o consolar Jó (2,11), mas não foram solidários com seu sofrimento nem lhe trouxeram alívio. Viam o tamanho da desgraça, mas não ouviram seus gritos de aflição²⁰. Elifaz já vem com a sentença de condenação pronta: “Chama agora para ver se alguém te responde” (5,1). Deus não atende a súplica do ímpio! Baldad afirma que Deus não vai mudar a lei no caso dele: “Acaso Deus falseia o direito? Falseia o Todo-poderoso a justiça” (8,2)? Sofar foi ainda mais contundente que seus companheiros. Jó não tem direito de queixar-se do seu sofrimento. Ele é um pecador justamente castigado por Deus. Jó não tem como justificar-se diante de Deus, dizendo: “Minha doutrina é autêntica, e eu sou puro aos teus olhos” (11,4). No julgar de Sofar parece haver duas medidas: a de Deus e a dos homens²¹. Mas Jó, atingido pela desgraça, não se dobra como na parte narrativa (1,21; 2,10). Não se cala e reage ante o castigo divino, considerado injusto. Considera-se inocente e quer tomar satisfação de Deus. Não admite que o mesmo Deus que o criou com tanto amor queira agora destruí-lo (10,8). Rejeita a imagem de um Deus vigia das pessoas, sempre pronto a pegar em fragrante a fim de puni-las (10,13-17). Enquanto seus amigos repetem a doutrina oficial, que beneficia mais os ricos, Jó, baseado em sua experiência, solidariza-se com os pobres e injustiçados. A doutrina da retribuição dos justos e a punição dos maus não funciona na vida prática. Deus castiga tanto o justo como o ímpio (9,22; 10,7).

3.2 Segundo debate (15,1–21,34)

Intervenção de Elifaz e resposta de Jó (15,1–17,16)

Elifaz reforça os ataques contra a atitude ímpia de Jó: ele “subverte a própria religião e põe fim à meditação diante de Deus”. Comporta-se como quem

20. Cf. TERNAY, 2001, p. 98-102.

21. Cf. Is 55,8: “Meus pensamentos não são como os vossos pensamentos, e os vossos caminhos não são como os meus caminhos”.

fala em nome de Deus e despreza a sabedoria dos colegas, até mais velhos que ele, e zomba dos consolos de Deus que lhe trazem (15,1-16). Elifaz classifica Jó como ímpio, que “estendeu a mão contra Deus e desafiou o Todo-poderoso” e por isso todos os dias é atormentado. Para confirmar a impiedade de Jó cita um provérbio: “Quem concebe maldade e dá à luz desgraça, gera no ventre a fraude” (cf. Pr 22,8; Eclo 15,11-13; Tg 1,13-15). Isto é, o mal cometido por Jó é a causa de sua desgraça. Para incriminar a Jó, Elifaz volta a apelar à visão noturna na qual uma voz misteriosa lhe teria revelado a doutrina da retribuição (v. 17; cf. 4,12-17). Segundo a tradição que os sábios receberam dos antepassados, o ímpio vive atormentado, sempre se queixando, e quando parece estar em paz até bandidos o assaltam (15,20-21). É orgulhoso, pois ousa desafiar o Todo-poderoso, mas acabará mendigando pão e murchará até desaparecer (v. 22-35).

Na resposta a Elifaz, Jó sente-se cada vez mais isolado; é caluniado pelos amigos e perseguido por Deus (16,1-17). As palavras vazias dos amigos e não lhe trazem consolo algum, porque eles não sentem a angústia que Jó sente. Em meio ao abandono começa a brilhar no coração de Jó um lampejo de esperança: “Enquanto meus amigos zombam de mim, meus olhos vertem lágrimas diante de Deus” (v. 19). E afirma ter um defensor nos céus e espera que defenda “a causa do homem junto a Deus como alguém que defende o seu semelhante” (v. 21-22). Portanto, alguém que fale a linguagem da criatura humana diante do Criador. Abandonado pelos “amigos”, Jó dirige-se a Deus, a única testemunha que lhe pode estender a mão e a quem pode entregar uma fiança (17,1-5), isto é, os seus sofrimentos como antecipação da morte²².

Intervenção de Baldad e resposta de Jó (18,1–19,29)

Baldad continua defendendo a teologia da retribuição e aplica-a ao caso de Jó: Deus recompensa os justos e pune os ímpios. Como Elifaz, Baldad não fala mais da recompensa dos bons, mas, com palavras cada vez mais severas sentencia que Jó terá o mesmo destino dos ímpios (cf. Sl 1,4-6). Nem ele nem seus companheiros demonstram compaixão com o sofrimento de Jó. Concorda com Elifaz (15,4) que as palavras de Jó abalam a teologia oficial. Por isso diz aos companheiros: “Até quando ireis à caça de palavras? Pensai bem e depois falaremos” (18,2). Em seguida, abre o arsenal de maldições destinadas aos ímpios (cf. Dt 28) e as despeja sobre Jó. Utiliza as imagens da luz, símbolo da vida da qual Jó se afasta e das trevas, símbolo da morte, que o envolvem como armadilha da qual jamais se livrará. Sua triste lembrança servirá de exemplo para todas as nações (18,5-21).

Jó reage com indignação às palavras de Baldad, que o classificou entre os ímpios, e se queixa dos “amigos”. Está cansado de ouvir as repetidas acusações

22. TERNAY, 2001, p. 115.

daqueles que vieram para o consolar. No entanto, a defesa de sua inocência é contra Deus que o prejudicou (19,1-5). E passa a lamentar-se contra Deus: “Arrouinou-me de todos os lados, para que eu desapareça, arrancou minha esperança como uma árvore. Inflamou contra mim a sua ira, e considera-me seu adversário” (v. 10-12). Sente-se isolado e abandonado por familiares, parentes e conhecidos que o veem como a um estranho. Tudo isso em razão do miserável estado de saúde em que se encontra. Em vão Jó pede socorro: “Piedade, tende piedade de mim, amigos, pois fui ferido pela mão de Deus” (v. 21). Em meio ao desespero, porém, ressurgem a esperança e Jó pede que suas palavras sejam gravadas na rocha: “Eu sei que meu Defensor (*go’el*) vive e aparecerá, finalmente, sobre o pó; e depois que minha pele foi assim lacerada, já sem a minha carne, verei a Deus” (v. 25-26). A função do *go’el* era impedir que uma pessoa do mesmo clã fosse escravizada (Lv 25,47-49). E Jó afirma que seu Defensor “vive”. Ele é o Deus vivo que será ao mesmo tempo juiz e testemunha em seu favor. Não se trata aqui da ressurreição da carne no último dia, mas, no contexto da transformação de Jó representa um prenúncio da crença judaica na comunhão com Deus após a morte (cf. Sl 16; 73,24; 139,8)²³. Como última cartada, Jó aposta em Deus como seu Defensor (*go’el*), pois ele “vive” e o criou com muito amor. Jó não admite que o mesmo Deus, seu Criador, vá descartá-lo da vida (10,8-22).

Intervenção de Sofar e discurso de Jó (20,1–21,34)

Atingido pelo veemente apelo de Jó que pede compaixão (19,21), Sofar quase não se contém esperando intervir em defesa da doutrina da retribuição. Referindo-se a Jó, defende a validade da retribuição “desde que o ser humano foi posto na terra”. A alegria do ímpio dura pouco e com ele desaparece como um sonho (20,1-8). Sofar não descreve o ímpio na sua relação com Deus, mas na relação com o próximo. Analisa o comportamento do ímpio tendo como pano de fundo a sociedade injusta de seu tempo²⁴. O ímpio é comparado ao rico que não para de aumentar sua fortuna. No entanto, não desfrutará das riquezas acumuladas, “porque explorou os pobres e depois os abandonou, e se apropriou da casa que não tinha construído” (v. 19). Com certeza, da plena abundância o ímpio cairá na mais profunda miséria. E Sofar conclui citando as maldições previstas na Lei (cf. Dt 28,15-44); essa é a herança que Deus reserva para o ímpio (Jó 20,22-29).

Na resposta, Jó pede aos “amigos” que, primeiro, escutem suas palavras e vejam a miserável situação em que se encontra; depois, se quiserem, podem zombar dele à vontade (21,1-6). É um pedido irônico de compaixão; seus “amigos” não conseguem ver a questão com os olhos de quem sofre. A realidade

23. TERNAY, 2001, p. 127-129.

24. Cf. DIETRICH, José Luiz. Jó: uma espiritualidade para sujeitos históricos. *Estudos Bíblicos*, n. 30, 1991, p. 32-43.

desmente o discurso de Sofar. Jó sente na própria pele que não é verdade que os ímpios são sempre amaldiçoados por Deus e os justos abençoados. Basta abrir os olhos para o mundo real. As bênçãos reservadas aos que observam os mandamentos (cf. Dt 28,1-14) Deus as concede aos ímpios que o desprezam, dizendo: “Afasta-te de nós! Quem é o Todo-poderoso para que o sirvamos” (21,7-16)? Deus não vê a prosperidade dos ímpios e deixa impunes os malfeitores (v. 17-22). E quando o ímpio morre ainda lhe prestam homenagens e erguem monumentos (21,32).

3.3 Terceiro debate (22,1–31,40)

O terceiro debate sofreu um remanejamento atribuído ao redator final. Dos três “amigos” aparecem apenas dois, Elifaz (22,1-30) e Baldad (25,1-6; 26,5-14), enquanto Sofar é esquecido no texto atual. Pensa-se que textos como 24,18-24 e 27,13-23 fariam parte do discurso de Sofar. A resposta de Jó a Baldad (26,1-4; 27,2-12) foi acrescida de um solilóquio, sem a presença dos amigos (29,1–31,40)²⁵. Talvez no séc. III a.C., foi introduzido o hino à Sabedoria (cap. 28) e os três discursos atribuídos a Eliú, o novo personagem até agora não citado (Jó 32,1–37,24). O hino à Sabedoria não é considerado no presente estudo pois mereceria um estudo à parte.

Intervenção de Elifaz e resposta de Jó (22,1–24,25)

Talvez abalado pelos argumentos de Jó, Elifaz reage prontamente em defesa da doutrina da retribuição. Se Deus castiga a Jó não é por ele ser justo e piedoso, como pretende, mas por causa de seu orgulho, maldade e inúmeras culpas. O primeiro interessado em não ser punido deveria ser o próprio Jó; se Deus o pune é porque pecou (22,2-5; cf. Jo 9,2). E cita os pecados sociais supostamente cometidos por Jó, que justificariam seu sofrimento: Jó tomou como penhor roupas do endividado, não deu de beber ao sedento, negou pão ao esfomeado, apossou-se da terra do próximo e violou o direito das viúvas e dos órfãos (v. 6-11). São injustiças cometidas contra o próximo, condenadas pela lei (Ex 22,21-26; 23,6; Dt 24,17)²⁶ e pelos profetas. Por fim, Elifaz recomenda a Jó que reconheça seus pecados, reconcilie-se com Deus e se afaste da maldade. Então poderá voltar seu rosto humilde para Deus e ele atenderá seus pedidos, pois “Ele salva quem for inocente” (22,12-30).

25. Na reconstituição do terceiro debate seguimos a proposta de Henry deTernay, 2001, p. 149-188.

26. Jó descreve as injustiças sociais de seu tempo (24,1-17) e nega ter cometido tais crimes, pois sempre agiu com retidão no trato com o próximo (cf. 31,13-34).

A “resposta” de Jó é uma queixa dirigida a Deus. Jó sente a ausência de Deus e não sabe como encontrá-lo. Deseja chegar até o seu trono a fim de expor sua causa, na esperança e na dúvida de ser atendido por Deus (23,1-9). Deus sabe que ele não se afastou de seus mandamentos, por isso espera que o atenda como fez outras vezes. Ao mesmo tempo Jó sente-se aterrorizado em sua presença e desconfia que é Deus quem lhe tira o ânimo e o deixa prostrado (v. 10-16). Elifaz havia acusado Jó de violar o direito dos pobres, mas ele próprio não fazia parte da sociedade desses ímpios (22,6-11.18)²⁷. Uma pergunta perpassa a longa resposta de Jó a Elifaz: “Por que Deus torna-se ausente no momento da provação, nesta hora em que sua presença seria tão necessária”²⁸? No entanto, Jó está inserido entre os pobres injustiçados, e com eles sofre as crueldades dos ímpios (24,1-17). O sentimento de abandono não é apenas seu. É de uma multidão de injustiçados e Jó torna-se o porta-voz de todos eles. Por isso ousa acusar a Deus por deixar os ímpios impunes: “Da cidade sobem os gemidos dos moribundos, ouvem-se os gritos de socorro dos feridos, e Deus nem dá atenção a essas infâmias” (24,12). Para Jó essa ausência de Deus é uma negação do êxodo do Egito. No Egito os hebreus gritaram por socorro a Deus e ele ouviu seus clamores e os libertou da escravidão a que eram submetidos (Ex 2,23-25; 3,7-8). Também o orante dos Salmos quando suplicava ao Deus libertador era atendido e lhe agradecia (Sl 4,4). Agora, porém, permanece surdo aos gritos de socorro de Jó e dos oprimidos de seu tempo (cf. Jz 6,13).

Terceira intervenção de Baldad (25,1-6; 26,5-14)

No terceiro debate o texto hebraico atribui a Baldad apenas a curta doxologia em 25,1-6, mas alguns comentaristas veem a continuação deste do louvor em 26,5-17. Em resposta a Jó que falava de um Deus ausente nos conflitos da história humana, Baldad insiste nas perfeições divinas, contrapondo a pequenez do homem à grandeza divina. Diante da grandeza de Deus a criatura humana não passa de um verme (25,6), como reza o salmista atingido pela miséria e pelo desprezo das pessoas (Sl 22,7). Na continuação da doxologia (26,5-14), usando uma linguagem mítica, Baldad exalta o poder e a transcendência de Deus como criador, que domina desde a morada dos mortos até o mais alto dos céus. Na doxologia exalta ao máximo o poder de Deus na criação para mostrar que a criatura humana é incapaz de entender a ação divina. Mas são palavras que não trazem consolo a Jó e aos que sofrem como ele.

27. Aqui os ímpios (*resha'im*) são membros do povo judeu a serviço do dominador estrangeiro, o Império Persa. Enquanto o justo medita na lei do Senhor, a “sociedade dos ímpios” o persegue, calunia e explora, como se vê nos salmos de súplica e lamentação individual. Essa tensão entre ímpio e justo é constante no livro dos Salmos (cf. Sl 1,1).

28. Cf. TERNAY, 2001, p. 159-162.

Resposta de Jó (26,1-4; 27,2-12)

Em tom irônico, Jó responde a Baldad: “Como tens ajudado ao débil e prestado socorro ao braço sem vigor” (26,2). Jó não se nega a celebrar a soberania e a grandeza de Deus na criação, mas esperava que alguém lhe estendesse a mão e o socorresse. Deus não é carente de louvores, enquanto Jó, abatido pelo sofrimento, precisa de um consolo amigo, que Baldad não lhe prestou. Não sendo ouvido pelos “amigos”, Jó dirige-se diretamente a Deus, numa fórmula de juramento: “Pelo Deus vivo²⁹ que me tirou o direito, pelo Todo-poderoso que amargurou minha vida”. Jura por Deus que, enquanto tiver um sopro de vida (Gn 2,7.22), não se dobrará diante das acusações dos “amigos”, mas continuará firme na defesa de sua inocência: “Agarro-me firme na minha justiça, não a largarei; minha consciência não me reprova por um só de meus dias”. Jó rejeita ser associado à sociedade dos ímpios e deles se distancia (v. 7-12). Não admite que o ímpio possa dirigir súplicas a Deus. Como podem os “amigos” tratá-lo como ímpio, negar sua inocência e ao mesmo tempo aconselhar que dirija constantes preces a Deus? Logo Jó, que se lamentava na presença de Deus e dirigia-se a Ele como a um “Tu”, enquanto seus “amigos” lhe falavam de Deus como um juiz implacável? Jó, no entanto, não desistirá de afirmar sua inocência diante dos “amigos” nem deixará de buscar um encontro com o Juiz Soberano para defender sua justiça.

Terceiro discurso de Sofar (24,18-24; 27,13-23)

No texto atual não consta o terceiro discurso de Sofar, mas, segundo a maior parte dos comentadores, é possível reconstituir parte do texto utilizando os dois textos acima indicados, mais próximos de seu estilo. Sofar volta a lembrar os temas clássicos do dogma da retribuição e os aplica a Jó pelas maldades praticadas. “Como a secura e o calor absorvem as águas da neve, assim a morada dos mortos, os que pecam” (24,19). Aplica a Jó o dogma da retribuição reservada pelo Todo-poderoso aos opressores. O malvado terá a punição individual e seus filhos morrerão pela guerra (espada), pela fome ou pela peste (27,13-14)³⁰. A ruína do malvado será comemorada com vaias (27,23). Mas os justos terão também a sua recompensa: Todas as riquezas que o malvado amontoou ficarão com o justo (27,16-17; cf. Pr 13,22). Aqui o autor aplica o antigo princípio da responsabilidade coletiva dentro da mesma família, ou seja, o pecado dos pais é punido por Deus nos filhos até a quarta geração (Ex 34,7). No entanto, o Deuteronomio já estabelece que os pais não serão punidos pela culpa dos filhos, nem os filhos pela culpa dos pais (24,16). Os profetas Jeremias (Jr 31,29-30) e Ezequiel acentuam

29. A fórmula “pelo Deus vivo” introduz um juramento. Pode ser um juramento do próprio Deus (cf. Ez 14,14.20) ou de uma pessoa que invoca a Deus como testemunha da verdade do que afirma (1Sm 14,44; 20,13), incluindo uma auto-maldição.

30. São as maldições previstas como punição a quem viola a aliança (Lv 26,16-17; Ez 7,15-16; 21,16-17).

mais ainda a responsabilidade individual: “O filho não pagará pela culpa do pai, nem o pai pagará pela culpa do filho. A justiça será creditada ao justo e a maldade será imputada ao ímpio” (Ez 18,20).

Discurso final de Jó (29,1–31,40)

O discurso final de Jó não constitui uma resposta ao precedente discurso reconstruído de Sofar. Não se dirige a nenhum dos três “amigos”. Trata-se de um monólogo semelhante ao do cap. 3, no qual Jó se lamentava pela desgraça, antes do diálogo com os visitantes. O monólogo prepara seu encontro com Deus e pode ser dividido em três poemas³¹. O primeiro faz a memória dos tempos felizes de um homem íntegro e justo, que praticava atos de justiça em favor dos pobres (29,2–30,2); o segundo põe em contraste a desgraça que Jó vive no presente (30,3-24.27-31); no terceiro Jó prepara a defesa de sua inocência e pretende apresentá-la a Deus (31,1-40).

Jó relembra os tempos quando era abençoado por Deus, bênção tida como recompensa divina pelo bem praticado, segundo a doutrina da retribuição. Todos o respeitavam quando se dirigia ao tribunal do portão da cidade. Era bem-quisto quando pronunciava sentenças favoráveis ao pobre e ao órfão e os moribundos e as viúvas o abençoavam. Era considerado pelos pobres como um pai, mas punia com rigor os malvados (29,2-20). Eles acolhiam em silêncio seus conselhos e sua presença trazia conforto aos aflitos (29,21-25).

Mas ao cair em desgraça, até os jovens, que antes respeitavam a Jó, agora zombam dele. Pessoas que eram expulsas da sociedade tribal e viviam famintas no deserto, fazem de Jó motivo de trovas e deboche. Tudo isso porque Deus o humilhou e fez dele um excluído da sociedade (30,1-14). Desiludido com os “amigos” que não lhe trouxeram consolo, enganado pela doutrina da retribuição, rejeitado pela sociedade e esquecido por Deus, Jó se encapsula na mais profunda solidão de seu ser e exclama: “Agora, dentro de mim, dissolve-se minha vida (*nefesh*); dias de aflição apoderaram-se de mim” (30,16). É Deus que o agarra pela veste e joga na lama: “Ele jogou-me na lama e eu me tornei pó e cinza” (30,19). E do fundo do tenebroso poço de sua existência e da lama em que se debatia eleva um veemente grito a Deus: “Clamo por ti, e não me respondes; ponho-me diante de ti, e não te importas comigo... Bem sei que me conduzes à morte, o lugar de encontro de todos os viventes” (v. 20-23). Jó, solidário com os oprimidos e bondoso para com os pobres, esperava a felicidade e recebe a desgraça. Abandonado por todos, de pai dos órfãos torna-se “irmão dos chacais e companheiro de avestruzes”³².

31. Cf. TERNAY, 2001, p. 206-214.

32. TAMEZ, Elsa. De pai dos órfãos a irmão dos chacais e companheiro de avestruzes. Meditações sobre Jó.

Por fim, Jó prepara uma defesa bem detalhada de sua integridade, a ser apresentada ao Soberano Juiz. É um exame de consciência, uma confissão negativa juramentada, e comprometida com a verdade (Jó 31,1-40). O texto começa com uma auto-maldição (v. 5-10) – se fiz isso, me aconteça aquilo – e termina com auto-maldição (v. 38-40). O exame de consciência gira em torno de pontos básicos de uma convivência humana sadia, baseada na justiça e no amor ao próximo. Jó pede que Deus prepare uma balança justa, bem calibrada, para avaliar sua conduta (31,5-8)³³. A confissão negativa, porém, supera a formulação negativa dos mandamentos relacionados com o próximo. Sendo juramentada torna-se em parte positiva. Jó não cometeu adultério e sempre respeitou o direito dos mais fracos, como o escravo, o pobre, a viúva e o órfão, e com eles partilhava o alimento. Mais ainda, tratava a todos com carinho e dizia “Quem me fez a mim no ventre não o fez também”? (31,15; cf. Ne 5,5). Vestiu os nus e protegeu o órfão no tribunal (31,9-23). Não pôs sua confiança nas riquezas, nem prestou culto aos ídolos (31,24-28), tentações “gêmeas” que andam de mãos dadas (cf. Mt 4,8-10; 6,24). Jó não desejou o mal aos inimigos nem os amaldiçoou desejando-lhes a morte, como acontece em alguns salmos (Sl 34,15-21) e de bom grado hospedou os viajantes (31,29-34). Concluindo seu exame de consciência geral, Jó se pergunta: “Será que ocultei meu pecado, como alguns fazem”? E exclama: “Oh! Se houvesse quem me ouvisse! Eis minha assinatura (*tawi*). Que me responda o Todo-poderoso”! A assinatura era feita com uma cruzinha, um *taw*, a última letra do alfabeto hebraico. Por fim, o autor coloca uma observação: “Aqui terminam as palavras de Jó” (31,35-40). De fato, o diálogo turbulento com os três “amigos” terminou e Jó não responde aos quatro discursos de Eliú.

4. Discursos de Eliú (32,1–37,41)

Em geral, são considerados como acréscimos, devidos a algum escriba da escola do autor de Jó, desejoso de corrigir certas ideias do herói, e repreender os amigos por não terem reduzido Jó ao silêncio (32,11-16). De fato, o novo interlocutor é apresentado de maneira escribal (32,1-6). No final de seu discurso (31,35-37) Jó exige uma resposta divina imediata, que os discursos de Eliú retardam (38,1s). Eliú cita textualmente a Jó (33,8-11 = 10,7; 16,17; 27,5; 34,5-9) e o interpela diretamente (32,12; 22,1.31; 34,5.7.36; 35,16; 37,14), mas Jó não responde. Com os três amigos de Jó, Eliú reafirma a doutrina da retribuição para os bons e para os maus.

Concilium, 307, 2004/4, p. 117-125 [581-589]. O artigo da Elsa é um belo exemplo de leitura da Bíblia a partir dos pobres e com os pobres, de ontem e de hoje.

33. Balança justa é a balança exata, não falsificada (cf. Am 8,5; Dt 25,13). A balança é ainda hoje o símbolo da justiça.

Mais do que repreender os amigos de Jó por não terem respondido corretamente a Jó, a intervenção de Eliú tem como função principal³⁴ preparar Jó para acolher a resposta dos discursos de Deus (38,1–42,6). Logo no início de sua fala Eliú deixa claro que o primeiro interessado em ser feliz deveria ser o próprio Jó. E afirma que nosso pecado não afeta a Deus, nem o bem que fazemos lhe acrescenta alguma coisa: “Se pecas, que mal lhe fazes? Se acumulas transgressões, que dano lhe causas? Se és justo, que lhe dás? Que recebe ele de tua mão? A tua maldade só afeta a um homem como tu, a tua justiça, só a um mortal” (35,6-8). Aponta, de certa forma, para a gratuidade da salvação. Se Jó está sofrendo é porque pecou.

Eliú, porém, introduz um aspecto novo, isto é, o valor pedagógico do sofrimento (36,15-21; cf. 5,17-19), tanto do pobre que sofre opressão, como de Jó porque pecou. Mas exige uma condição: afastar-se do mal e fazer o bem. Em vez de dar conselhos a Deus, Jó deveria reconhecer a própria limitação, louvar a grandeza e a sabedoria de Deus, observando sua ação constante na criação. Antecipando os discursos de Deus, Eliú mostra a Jó como Deus age em favor do ser humano e das criaturas que o cercam no dia a dia. Ele controla a estação das chuvas e as tempestades (36,27–37,1-5). Envia a neve, os vendavais e o gelo, paralisa a atividade humana e faz os animais esconderem-se em tocas. Depois vem o calor do verão, e ninguém sabe como explicar todos esses fenômenos. Fiel à doutrina da retribuição, Eliú, afirma que Deus faz uso dos eventos climáticos para castigar os maus e beneficiar os bons (37,6-13). E conclui: “Deus está envolto em temível tempestade. O Todo-poderoso, nós não o atingimos, é supremo em poder e equidade, grande em justiça, não oprime ninguém”. Ante à Majestade divina, a atitude que se espera do ser humano é o temor de Deus (37,14-24).

5. Deus responde às interpelações de Jó (38,1–42,6)

Logo no início dos diálogos Elifaz sugere que Jó entregue sua causa a Deus (5,8), mas acusa-o de ter cometido injustiça contra os mais pobres (22,6-11). Ao mesmo tempo, aconselha-o a reconciliar-se com Deus. Com certeza ele ouvirá a súplica de Jó, caso for inocente (22,21-30). Baldad também diz: “Se ao Todo-poderoso suplicares... Ele vai restaurar tua situação” (8,5-7). E Sofar confirma: Se Jó afastar-se da maldade e não voltar a praticar injustiças, poderá andar de cabeça erguida na presença de Deus (11,13). Fiéis à doutrina da retribuição, os três “amigos”, na realidade, tratam Jó como um pecador punido por Deus.

Jó, por sua vez, continua firme na defesa de sua inocência. Pretende apresentar sua defesa diante de Deus: “Já preparei minha defesa e sei que sou inocente” (13,18). Espera ter nos céus uma testemunha favorável, “um Defensor que vive” e deponha em seu favor (16,18-22); mesmo morto e sem carne, espera ver a

34. LORENZIN, Tiziano, 2020, p. 80-81.

Deus (19,23-29). Por fim, com o espírito agitado entre a esperança e o desespero, entre o temor e o pavor, Jó ousa desafiar o Todo-poderoso. Como um príncipe, promete carregar a seu ombro o libelo de defesa (31,35-37).

O desejado encontro com Deus, porém, foi adiado pelos discursos de Eliú. Finalmente, o poeta retoma o apelo desesperado de Jó a Deus. O texto é cheio de ironia em relação às pretensões de Jó. O tema é o poder de Deus na sua maravilhosa criação. Do meio da tempestade, o próprio Senhor (*Yahweh*)³⁵ convida Jó a contemplar com ele as maravilhas e a grandeza de sua criação. Fala do meio da tempestade: “Quem é este que ofusca a providência com discursos sem sentido? Cinge os teus rins como um valente; eu te interrogarei e tu me ensinarás” (38,2-3).

A tempestade costuma estar unida a teofanias, isto é, manifestações divinas (Ex 19,16-19; Sl 50,1-4). Jó havia preparado sua defesa, mas quem toma a palavra é Deus. Jó apenas escuta a exposição do projeto divino que abrange toda a criação. O autor apresenta Deus como o Senhor da criação em suas obras cósmicas (38,2-38; cf. Gn 1,1-8). Quando lançou as fundações da terra Jó não estava lá (Jó 38,1-7; cf. Pr 8,22-31)). Jó não sabe como Deus formou o mar, não conhece sua profundidade nem a extensão da terra (38,8-18). Não consegue explicar os fenômenos atmosféricos nem onde está a morada da luz ou das trevas; donde vêm os ventos, onde estão os depósitos da neve e da chuva ou como se forma o gelo (v. 19-30). Na visão antiga, a abóboda celeste é sustentada em colunas pela própria terra e da terra contempla-se o sol e a lua que fazem seu passeio diário pela abóboda celeste (Sl 19,1-7), onde se fixam também as estrelas e as constelações. Jó não entende como eles influenciam o ciclo das estações, a formação das nuvens, os raios e a chuva (v. 31-38). Não é Jó que providencia o alimento para a leoa e seus filhotes, nem sabe como se criam as cabras montesas. Jó não pode controlar a liberdade do asno selvagem, do búfalo, do avestruz, do potro nem ou o voo da águia (38,39–39,30). Mas para todos eles o Senhor providencia o alimento.

Após essa rápida contemplação das maravilhas da criação, Deus pergunta a Jó: “Quem critica o Todo-poderoso quer discutir? Quem assim critica a Deus, que responda”! E Jó responde: “Sou insignificante, que vou responder? Ponho a minha mão sobre a boca. Já falei uma vez, nada mais digo; duas vezes... nada acrescentarei” (40,1-5)! Os “amigos” já o repreendiam pela pretensão de ser inocente e falar demais sobre coisas que não entendia (4,17-19; 11,1-12; 15,7-14). Aquele que se preparava para comparecer diante de Deus como um príncipe (31,35-37), agora curva-se diante de seu Criador e reconhece a própria insignificância.

O Senhor chama Jó para um novo desafio: “Ousas mesmo anular meu julgamento, ou condenar-me para te justificares” (40,8)? Teria Jó, com sua ira, poder

35. Na parte em prosa, capítulos 1 e 2, o texto usa para a divindade o nome Deus – traduzindo *El*, *Eloá* – e *Shaddai*, Poderoso ou Todo-Poderoso. A partir dos discursos divinos de 38,1–42,17 usa-se apenas *Yaweh*, lido em hebraico *Adonai*, e traduzido por Senhor.

como o de Deus para humilhar o soberbo e punir o ímpio? Seria ele capaz de dobrar a força do hipopótamo (40,15-24)? Pescar ou brincar com o crocodilo (40,25-32)? Quem o conhece não se atreve a provocá-lo. Sua couraça é impenetrável, impossível de ser rompida com as mais penetrantes armas. O crocodilo é rei dos animais, nenhum outro consegue enfrentá-lo (41,1-26). Os animais descritos no primeiro discurso gozam de liberdade em regiões desérticas e Deus lhes providencia água, alimento e possibilidade de viver e multiplicar-se num habitat específico, como terra, montanhas e ar. Em princípio, são animais selvagens e Jó não consegue torná-los domésticos. Ao hipopótamo (*Beemot*) e ao crocodilo (*Leviatã*) a sabedoria divina reservou um habitat próprio, limitado aos rios e suas margens, onde eles obtêm o alimento e se reproduzem. São monstros que ninguém consegue caçar ou pescar para fins de comércio (40,25-32)³⁶. Somente Deus, que criou o hipopótamo e o crocodilo, como a Jó, poderá dominar animais tão temidos (40,15-19).

Após esse espetacular passeio pela criação, Jó dá-se conta de sua pequenez e incapacidade de compreender a grandeza e o amor do Criador por suas criaturas. Sente-se envolvido por este amor e, espontaneamente, confessa:

Bem sei que podes tudo, que nenhum projeto te é impossível (...). De fato, falei de coisas que não compreendia, maravilhas superiores a mim, que não entendia. ‘Escuta-me’, eu disse, ‘a palavra está comigo, vou te interrogar e tu me ensinarás!’ Eu te conhecia só por ouvir dizer; mas agora meus próprios olhos te veem. Por isso, eu me retrato e me arrependo, eu me retrato sobre o pó e a cinza (42,2-6).

Punido por Deus e coberto de úlceras malignas, Jó jazia em meio ao pó e à cinza com que se cobria; agora, prostra-se arrependido sobre o pó e a cinza diante do Criador. Foi nesta triste situação que seus amigos o encontraram. Após um silêncio de sete dias, Jó iniciou sua lamentação cheia de revolta contra Deus, desencadeando um diálogo tenso com os três amigos. Defendia sua inocência e criticava a Deus, enquanto eles o condenavam como pecador. Sem o apoio dos amigos, rejeitado pela sociedade e abandonado por todos, recorreu ao tribunal divino. Por fim, após tantas provações, Deus veio a seu encontro. O encontro, no entanto, não aconteceu no ambiente do tribunal divino, onde Jó pretendia interrogar o próprio Deus, como se fosse o juiz. Ao contrário, deu-se no espaço misterioso da criação. Na contemplação das criaturas é que Jó recebe a resposta a suas dúvidas e interrogações. Antes conhecia a Deus pela doutrina da retribui-

36. Em Pr 8,22-23, a obra-prima de Deus é a Sabedoria, criada “desde os primórdios da terra”. *Beemot* representa as forças do mal, que Deus enfrenta com a espada. O *Leviatã*, por sua vez, “aparece como o rei que domina sobre as feras soberbas” (cf. Ternay, 2001, p. 302-308). A descrição dos monstros, aqui traduzidos por hipopótamo e crocodilo, ganha traços mitológicos. Por isso, outras Bíblias traduzem por *Beemot* e *Leviatã*. Por ironia, Deus criou *Beemot*, sua obra prima, junto com Jó (40,15-18).

ção, pelo ‘ouvir dizer’. Durante os ‘diálogos’ seus amigos lhe falavam de Deus em 3ª pessoa, como alguém distante, enquanto Jó dirigia-se a Deus como a um “Tu”, desejava-o muito próximo, com quem pudesse desabafar-se e conversar. Finalmente, pode dizer: “agora meus próprios olhos te veem”. Como Jó viu a Deus? Jó experimentou a presença viva do Criador no mistério de sua criação (cf. Rm 1,19-20). Só então Jó se arrepende e se retrata a partir de sua insignificância, “sobre o pó e a cinza”.

Conclusão

O autor do livro de Jó criou um itinerário espiritual que leva seu “herói” ao longo de um doloroso processo da provação à conversão, da doutrina da retribuição à gratuidade da salvação. Jó era fiel seguidor desta doutrina, consciente que as bênçãos terrenas recebidas eram uma recompensa merecida que Deus lhe dava.

Punido por Deus sem justa causa, como ele pensava, começou a sentir em sua própria carne que a doutrina da retribuição não se sustentava na vida prática. A desgraça que caiu sobre ele o fez perguntar-se sobre o porquê de tudo isso. A perda dos bens, da saúde e a morte dos filhos colocou Jó no meio da multidão de sofredores injustiçados, com os quais se solidarizava: “Por que concede Ele a luz ao sofredor e a vida a tantos amargurados” (3,20-23)? Já na lamentação, Jó começa a deslocar a discussão teórica da doutrina da retribuição para o chão concreto da existência humana. O sofrimento injusto do inocente, em conflito com a doutrina oficial da retribuição, torna-se o fio condutor das discussões entre Jó e seus “amigos”. No entanto, não são os dois únicos temas do livro de Jó. Além desse conflito outros temas relevantes aparecem.

A teologia da retribuição (prosperidade), vista como direito à recompensa divina aqui na terra, pode acobertar a exclusão dos pobres. A bênção divina, sem a solidariedade com os pobres, corrompe a religião (Jó 15,4; Tg 1,27). Jó, coberto de úlceras malignas e prostrado no pó e na cinza, sentia-se injustamente punido por Deus. Seus amigos, em vez de lhe trazer consolo, apenas confirmaram a justa punição divina por pecados que teria cometido. Implorava compaixão da parte dos amigos, mas o deixaram em profundo abandono e solidão³⁷. Na transformação pessoal de Jó ao longo das discussões delineia um itinerário espiritual, que culmina no encontro com Deus. À medida que a teologia da retribuição e a questão pessoal de Jó deixam de ser o foco central do livro, acentua-se a misericórdia de Deus, a gratuidade de seu amor pela criação, de modo particular pelo ser humano. Jó experimentou o amor compassivo do Criador já antes da provação,

37. Bem o expressa Leonardo Boff: “O terrível do sofrimento não é tanto o sofrimento, mas a solidão no sofrimento” e “A compaixão é não deixar o outro só”. Ver: Leonardo Boff & Werner Müller. *O Princípio compaixão & cuidado*. Petrópolis: Vozes 2009; Leonardo Boff. *Covid-19: A Mãe Terra contra-ataca a humanidade*. Petrópolis: Vozes 2020.

enquanto dedicava parte de seus bens ao cuidado dos pobres. Durante a provação, quando convivia com os pobres e abandonados. E ao final, quando contemplava com os olhos do Senhor a grandeza, a beleza e as maravilhas de suas criaturas. Prostra-se, então, no pó e na cinza diante de seu Criador e exclama: “Eu te conhecia só por ouvir dizer; mas agora meus próprios olhos te veem”. Este é o itinerário espiritual de Jó, ligado ao que hoje chamamos de “Ecologia Integral”.

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. Edição revista e atualizada. Petrópolis: Vozes, 50^a ed., 2005.
- DIETRICH, José Luiz. Jó: uma espiritualidade para sujeitos históricos. *Estudos Bíblicos*, n. 30, 1991, p. 32-43.
- GALLAZZI, Sandro. O grito de Jó e de sua mulher, *RIBLA*, n. 52, 2005/3, p. 40-56.
- KNAUF, Ernst Axel; GUILLAUME, Philippe. Jó. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (orgs.). *Antigo Testamento. História, Escritura e Teologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 601-613.
- LAURENTINI, Giuliano. O livro de Jó. Os Livros Poéticos: Salmos, Jó, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria. In: Teodorico Ballarini (direção geral). *Introdução à Bíblia*, vol. III/2. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 157-188.
- LORENZIN, Tiziano. *Livros sapienciais e poéticos*. Introdução aos estudos bíblicos. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 63-90.
- MORLA ASSENSIO, Victor. *Livros sapienciais e outros escritos*. Introdução ao Estudo da Bíblia, vol. 5. São Paulo, 1997.
- TAMEZ, Elsa. De pai dos órfãos a irmão dos chacais e companheiro de avestruzes. Meditações sobre Jó. *Concilium*, 307 – 2004/4, p. 117-125 [581-589].
- TERNAY, Henri de. *O Livro de Jó. Da provação à conversão, um longo processo*. Comentário Bíblico: Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2001.
- TERRIEN, Samuel. *Jó*. Grande Comentário Bíblico, vol. 9. São Paulo: Paulus, 1994.
- WANKE, Roger Marcel. *O teólogo no banco dos réus*. A tradução e interpretação da preposição 'el em Jó 42,7-8. *Estudos Bíblicos*, vol. 33, n.131, p. 96-111, jul/set 2016.

Ludovico Garmus
Instituto Teológico Franciscano
Rua Coronel Veiga, 550
25655-151 Petrópolis, RJ
E-mail: Ludovico.garmus@itf.edu.br